



Comunicação Midiática

Revista Comunicação Midiática

ISSN: 2236-8000

v.17, n.2, p.57-72, jul-dez 2022

**Da aids à mpx: sentidos sobre homossexualidade em processos
simbólicos estigmatizantes**

**Del sida al mpx: sentidos sobre la homosexualidad en los procesos
simbólicos estigmatizadores**

**From aids to mpx: meanings about homosexuality in stigmatizing
symbolic processes**

Mariana Ramalho Procópio

Universidade Federal de Viçosa (Viçosa, Brasil)

Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutora e Mestre em Estudos Linguísticos pela FALE/UFMG. É co-líder do grupo de pesquisa DIZ: Discursos e Estéticas da Diferença (UFV). mariana.procopio@ufv.br

Maurício João Vieira Filho

Universidade Federal de Juiz de Fora (Juiz de Fora, Brasil)

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). Foi bolsista do Programa de Bolsas de Pós-graduação (PBPG/UFJF) e, atualmente, é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG). Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Integra o grupo de pesquisa DIZ: Discursos e Estéticas da Diferença (UFV). mauriciovieiraf@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir em que medida processos simbólicos que atrelam homossexualidade à transmissão de doenças virais, como mpox e aids, reforçam estigmas a sujeitos marginalizados socialmente. Recentemente, matérias jornalísticas trouxeram essa associação a partir do surto de casos de mpox. O problema ténue entre reportar uma questão de saúde pública e culpabilizar grupos sociais retoma representações sociais de estigmatização e a ideia de risco advinda da epidemia de HIV/aids desde a década de 1980. Argumentamos que, mesmo entre contradições discursivas nas matérias jornalísticas e nas falas oficiais, o risco do estigma segue apontado e se desdobra em ações no cotidiano já notadas nos atendimentos médicos e nas falas presidenciais.

Palavras-chave: Processos simbólicos; Estigma; Sexualidade; mpox; Aids

RESUMEN

El objetivo de este artículo es reflexionar hasta qué punto los procesos simbólicos que vinculan la homosexualidad a la transmisión de enfermedades víricas, como el mpox y el sida, refuerzan los estigmas hacia los sujetos socialmente marginados. Recientemente, artículos periodísticos han sacado a relucir esta asociación a partir del surgimiento de casos de mpox. El ténue problema entre la denuncia de un problema de salud pública y la culpabilización de grupos sociales retoma las representaciones sociales de la estigmatización y la idea de riesgo derivadas de la epidemia de VIH/sida desde los años ochenta. Argumentamos que, incluso entre las contradicciones discursivas de los informes periodísticos y los discursos oficiales, el riesgo de estigma sigue siendo señalado y se despliega en acciones cotidianas ya advertidas en la atención médica y los discursos presidenciales.

Palabras clave: Procesos simbólicos; Estigma; Sexualidad; mpox; Sida

ABSTRACT

The objective of this article is to reflect to what extent the symbolic processes that link homosexuality to the transmission of viral diseases, such as mpox and AIDS, reinforce stigmas to socially marginalized subjects. Recently, news reports have brought this association from the outbreak of mpox cases. The tenuous problem between reporting a public health issue and blaming social groups resumes social representations of stigmatization and the idea of risk arising from the HIV/aids epidemic since the 1980s. We argue that, even among the discursive contradictions in news reports and official speeches, the risk of stigma is still pointed out and unfolds in everyday actions already noticed in medical care and presidential speeches.

Keywords: Symbolic processes; Stigma; Sexuality; mpox; Aids

Introdução

Em 23 de julho de 2022, a Organização Mundial da Saúde (OMS) comunicou o estágio de transmissão da varíola dos macacos (mpox¹) como emergência de saúde pública de interesse internacional (OMS, 2022b)². Em outras palavras, a doença se torna alvo potencial de ações mundiais para minimizar o contágio da população e reduzir os efeitos à vida. Seguida à pandemia de covid-19, a ameaça da mpox é considerada menos catastrófica, já que se trata de uma patologia viral cujo contágio ocorre pelo contato próximo entre pessoas com sintomas patentes, como lesões e feridas na pele, por objetos contaminados e secreções respiratórias (Butantan, 2022).

Contudo, a cobertura jornalística dos casos acende alerta para um movimento de tipificação de grupos sociais, atrelando-os à doença como se a sexualidade levasse a possível contaminação. O site *G1* replicou a agência de notícias internacional Reuters para destacar o surto endêmico no Reino Unido em junho de 2022, em razão da característica distinta do que vinha ocorrendo entre pacientes cujos históricos clínicos remontavam a viagens recentes em países com casos históricos de mpox. Para enfatizar a transmissão interna, a reportagem frisou:

De acordo com a UKHSA [UK Health Security Agency], a maioria dos casos no Reino Unido – 132 – estão em Londres, enquanto 111 casos foram identificados em homens gays, bissexuais ou que tenham relações sexuais com outros homens. Apenas dois casos são em mulheres. [...] Até agora, a UKHSA identificou ligações a bares gays, saunas e ao uso de aplicativos de encontros no Reino Unido e no exterior (Reuters, 2022).

Na mesma via, outras notícias salientaram a lógica associativa de uma suposta simetria entre expressões, desejos e atos sexuais com a mpox. O *Fantástico*, da TV Globo, apresentou reportagem na qual mobilizou o boletim da OMS, que acentua a prevalência de casos entre homens que se relacionam sexualmente com homens (HSH), juntamente ao trecho do mesmo texto que, em contrapartida, enfatiza o risco de contágio para qualquer pessoa e o perigo da marcação de significados depreciativos. O jornalista destaca a tradução do excerto final do boletim: “estigmatizar pessoas por causa de uma doença nunca é ok” (Pereira Júnio, 2022, 7min54s-8min22s).

Esse boletim de duas páginas configura-se como gênero discursivo semelhante à cartilha, com orientações direcionadas especificamente para HSH, assim como respostas para dúvidas que emergem no atual contexto de incertezas sobre a doença. Apesar de intitulado: “Conselhos de saúde pública para gays, bissexuais e outros homens que fazem sexo com homens sobre o recente surto de monkeypox” (OMS, 2022a, tradução nossa), as informações trazidas sobre sintomas, prevenção e respostas para questões básicas poderiam ser encaminhadas para população em geral. Ainda que o começo da identificação de casos estivesse circunscrevendo HSH, a mpox, como doença viral, tem potencial de transmissão geral, independente de orientação sexual. O fato de atingir, inicialmente, um determinado recorte populacional, como a OMS demarca, parece dizer mais de configurações sociais das relações e condições potenciais de vulnerabilidade que se acentuam pela ausência de políticas públicas de saúde e atendimento social do que qualquer outra associação estigmatizadora e simplificadora.

As contradições nos discursos das instituições de saúde e jornalísticas chamam atenção por ora cristalizar representações estigmatizadas, que advêm desde a epidemia de HIV/aids, ora destacar riscos de associarem doenças à orientação sexual. Partindo da afirmação de que orientação sexual é um marcador simbólico construído culturalmente que enquadra indivíduos em grupos conforme desejos, práticas e prazeres (Louro, 2019), é fato afirmar não haver correlação biológica, médica ou patológica entre sexualidades e doenças. Tendo essa premissa, objetiva-se, neste artigo, apreender em que medida processos simbólicos que atrelam homossexualidade à transmissão de doenças virais, como mpox e aids, reforçam estigmas a sujeitos marginalizados socialmente.

Processos simbólicos e significação da realidade pela linguagem

Na vida cotidiana, a linguagem atua para tornar real e existente a realidade no compartilhamento social e estabelece o elo que interliga experiências e significados, que podem ser cristalizados como memórias e passados ao longo do tempo. É pela linguagem que ocorrem nomeações, processo que se dá pelo conjunto de estratégias simbólicas usadas para dar existência e conferir visibilidade. De tal maneira, a linguagem não tem neutralidade, não é destituída de mapas de possibilidades interpretativas, mas se constitui como instrumento de poder. Ao nomear, estamos indicando coisas para além do que está sendo dito explicitamente, fazendo com que algumas ganhem evidência, enquanto outras são apagadas, excluídas e colocadas à margem das possibilidades (Bourdieu, 1989).

Em face de os sistemas simbólicos se arremetarem pelo poder e pela linguagem, deve-se considerar a legitimação como processo que integra novos significados a outros já circulantes e serve para explicar e justificar, isto é, implica em conhecimentos e elucida as razões das coisas. Contudo, esse terreno de legitimações pode construir cenários em que determinadas violências se tornam admitidas e autenticadas na sociedade (Bourdieu, 1989).

Quando voltamos olhares para narrativas jornalísticas e institucionais, por exemplo, como as que abrem este texto, notam-se demarcações sobre certos grupos sociais sob a alçada de risco, perigo e especificidade de contaminação, tendo como consequência direta os corpos, porque existem mecanismos simbólicos estruturantes que oferecem legitimação para condutas coletivas e individuais de violências, coerções, julgamentos, controles e preconceitos. Além de constituírem discursos que se validam por falas oficiais de representantes das áreas da saúde, por reportagens voltadas a delimitação das doenças a partir de determinados marcadores sociais, por atores políticos que se valem do estatuto oficial que ocupam ou por evocar totalizações de significados como forma de simplificar a realidade.

Esses aspectos simbólicos se relacionam diretamente aos preconceitos por permitirem antecipações precipitadas de um mundo complexo. Por isso, são tão difíceis de serem combatidos, já que se internalizam em comportamentos automáticos, são repetidos com frequência, muitas vezes, inconsciente dos danos que causam e abreviam heterogeneidades. Refletir o reconhecimento de homens gays nas matérias jornalísticas como associação à doença ou risco de contaminação iminente, juntamente ao modo como esse processo trava uma disputa associada aos preconceitos enfrentados desde a emergência da circulação do vírus HIV no mundo, põe em cena processos de estigmatização.

Goffman (1988) considera o *estigma* como a redução do sujeito a uma marca de depreciação ao ponto de não ser reconhecido como um humano completo. Essa demarcação

dada por outrem, tido como “normal” no ordenamento social, se dá em um conjunto de relações estabelecidas na linguagem para que tal marca seja discriminatória. Contudo, para que essa ação ocorra, “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (Goffman, 1988, p. 5). Quem desvia das atribuições de normalidade é estigmatizado e passível de sofrer violências.

Na linha argumentativa de Goffman (1988), existem três cenários de estigmas: abominação do corpo; culpas de caráter individual; e marcas tribais, raciais e religiosas. Especificamente, o segundo quadro interessa para a reflexão empreendida aqui, já que a homossexualidade seria uma das formas sociais de separar os indivíduos em zonas de anormalidade. A partir da marcação dos desejos, prazeres, relações e vontades, com base na heterossexualidade, todas as sexualidades que não fazem jus aos atributos normativos heterossexuais são alvos potenciais de constrangimentos, patologias e ataques.

O estigma não se perpetua eternamente como algo estagnado e pronto, mas, sim, constitui-se pela processualidade e seu arranjo social acontece em um certo período (Goffman, 1988). Essa característica é central para entender os processos de significação depreciativos que circularam na década de 1980 e realizaram associações negativas a homens gays, a pessoas soropositivas e a aids, bem como o cenário em que voltam a circular atualmente com as semelhanças adquiridas na apreensão de órgãos oficiais sobre a mpox.

Sexualidade como poder de regulação social e do corpo

Entender a sexualidade como fenômeno histórico e em permanente atualização requer recuar para as relações humanas mediadas pela linguagem no cotidiano e como o poder se configura nas interações a partir de discursos. Diferentemente de abordagens centralizadoras do poder, Foucault (1998) entende a existência de dimensões do saber exercidas a partir de um poder simbólico na determinação da normalidade, formando mecanismos sutis, atuando discursivamente nas relações de poder.

Entre os cernes foucaultianos, o poder se sobressai pela compreensão como exercício em nossas relações, deslocando a apreensão de algo emanado de um ponto ou em detrimento de uma organização. Logo, afasta-se de lugares tradicionais das instâncias de poder para a vida, evidenciando os processos simbólicos que lhe são parte. Desvia do que é tido negativo, operador do “não”, para apreender o poder como produtivo.

Essa lógica produtiva denota o poder como disputa nas relações humanas, em que nem sempre temos consciência do engendramento desse exercício no cotidiano. Ao desnudar o poder nas microrrelações, Foucault (1999) destaca o entrelaçamento das instituições às estruturas da sociedade. Contudo, frisa que, para o exercício do poder, deve haver a reivindicação do saber. Reivindica-se um saber de controle dos corpos como maquinaria de controle das possibilidades humanas. Trata-se, pois, de processos simbólicos engendrando saberes por discursos sobre quem está na norma e quem está no desvio, enquadrando comportamentos legitimadores para condenar o “desvio”.

O estabelecimento de saberes medicalizados, biologizantes e patologizantes sobre os corpos edifica zonas produtivas de normalidade e anormalidade. Tais ações atuam nos corpos, moldam a vida dos indivíduos e executam modos como se deve estar no mundo. A

partir desse argumento, Foucault (1998) destaca como as tecnologias para produção dos corpos agem socialmente em nossas interações por meio de estratégias para docilizá-los.

Esse processo discursivo tem marcas jurídicas, pedagógicas e médicas cujas finalidades são julgar, corrigir e patologizar desvios. Por diferentes operações de vigilância dos sujeitos, a medicina tem proeminência entre as formas de classificar as sexualidades, demarcar o que seria destoante e tornar corpos doentios. Quando Foucault (1999) discute a atribuição das perversões, é notável que a homossexualidade se erige como alvo estratégico de denúncia do poder para manutenção da heterossexualidade, monogamia e relações familiares matrimoniais na sociedade burguesa do século XVIII. A tecnologia mobilizada para validar o problema das relações entre pessoas do mesmo sexo se dava, por início, pela condenação judicial e religiosa da prática da sodomia, seguido pela marcação do homossexual como doente e condenável. Assim, o poder se exerce por variados processos de anormalização da homossexualidade, com o propósito de produzir comportamento, corpos e prazeres aceitáveis na matriz social em vigor. Mais uma vez, o poder “(...) não opera reprimindo e proibindo as expressões verdadeiras e autênticas de uma sexualidade natural. O que ele faz é produzir, através de práticas normativas culturais e discursos científicos, as maneiras como experimentamos e concebemos nossa sexualidade” (Oksala, 2011, p. 89).

Nessa mecânica discursiva, o conceito de “dispositivo da sexualidade” (Foucault, 1999, p. 100) apresenta uma definição para o entrelaçamento de significações e processos simbólicos para docilizar os corpos. O dispositivo da sexualidade envolve “a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder” (Foucault, 1999, p. 100).

O heterogêneo composto no dispositivo indica princípios de regulação em permanente atualização que visam entranhar-se socialmente para afetar as interações. Mesmo que o foco dos estudos foucaultianos seja um determinado período histórico, o dispositivo da sexualidade é uma ferramenta heurística cujas bases são atualizadas e incitadas por meio dos discursos. Logo, tem-se a reconfiguração permanente como meio de funcionamento e obtenção de resultados nas relações de poder.

Como dito, os significados produzidos nos processos simbólicos através da linguagem para a sexualidade voltam-se à demarcação dos desejos, prazeres e ações. Para possibilitar o controle dos indivíduos, o dispositivo se arma conforme ordenamentos culturais e possibilidades de cada relação de poder e de saber (Oksala, 2011). Logo, inscrições biológicas e médicas tentam circunscrever determinados corpos nas zonas do desvio e, consecutivamente, atingem como cada um deve ser e estar no mundo, intensificando condições de vulnerabilidades e acentuando precariedades. Ao demarcar pessoas como erros ou falhas, elas se tornam suscetíveis às violências. Como Quinalha (2022) retoma:

A patologização das sexualidades dissidentes, a despeito de remeter a um processo de estigmatização anterior já operado pelo imaginário religioso e legal-criminológico, é algo que se acentua na medida em que a medicina e as técnicas do campo psi se afirmam como discurso hegemônico na racionalidade moderna. Como visto, desde o fim do século XIX, época dos primeiros tratados de psicopatologia sexual, a medicina se debruça no diagnóstico e prognóstico das ‘inversões sexuais’ (Quinalha, 2022, p. 119).

O panorama das ações da medicina no dispositivo da sexualidade, assim como das mídias, da escola, da família e outras organizações que participam ativamente de nossas vidas, engendra significados sobre os corpos para se institucionalizar no cotidiano. Dessa maneira, a linguagem é crucial nos processos de legitimação com vistas a apresentar-se como sólida e criar um acervo comum partilhado de como ser com base em sedimentações, experiências coletivas e atos que se tornam tradições. Com essa mecânica na linguagem, as normas precisam constantemente da reiteração discursiva para serem incorporadas e fazerem valer suas ações nos corpos. Trata-se do efeito performativo, isto é, o discurso tem capacidade de fazer, e não apenas de dizer, instituindo efeitos reais sobre identidades (Silva, 2000).

Historicamente, a emergência da aids no mundo com o estatuto médico de epidemia se tornou um problema global, provocando alterações eminentes nas sociedades com opressões e discriminações e, no campo acadêmico, acelerou tensionamentos nas apreensões das sexualidades atreladas em enquadrar comportamentos como risco para a infecção (Parker, 2000). Essa causalidade cunhada entre experiências sexuais, o vírus HIV e a doença aids é falha e violenta. O caminho de classificar a aids como uma “doença sexualmente transmissível” (DST)³ foi o fator estigmatizador para quem não faz jus à cisheteronormatividade (Pelúcio; Miskolci, 2009). A formação de categorias epidemiológicas nas pesquisas, especialmente nos campos biológicos e da saúde, para homens que fazem sexo com homens, trabalhadoras e trabalhadores do sexo, pessoas em condições privadas de liberdade ou em situações de rua e usuários de drogas como “grupos de risco” se ligam à perpetuação de estigmas circulantes pelo imaginário social (Parker, 2000; Daniel; Parker, 2018). Na ebulição da epidemia, escancaram-se como as relações de poder atingem noções de identidades sexuais e criam categorias redutoras tidas como hierarquicamente inferiores.

Com as crises instauradas pelo estigma do HIV e da aids em uma corrente incessante, haja vista que sujeitos marcados socialmente pela violência estrutural seguem afetados (Parker, 2000), ações de combate às coerções e de denúncia às violências normativas se expandem como lutas por reconhecimento envolvendo disputas nas dimensões simbólicas. Nesse sentido, quando paira a sensação de não reconhecimento advinda da distribuição injusta de valores e representações depreciativas, é indicativo que ações desrespeitosas contra a existência estão eclodindo socialmente. Essa ausência de condições mínimas de reconhecimento torna-se combustível para lutar por instâncias negadas e subverter a desvalorização (Honneth, 2003). Ao considerar esta perspectiva, notam-se diálogos com o conjunto de ativismos e movimentos organizados politicamente para reivindicar direitos sexuais e, mais especificamente, durante a emergência da epidemia de HIV/aids no mundo, como *ACT UP* e *Queer Nation*, para citar alguns, cujas atividades visaram transformar significados tradicionais de sexualidades opressoras (Quinalha, 2022).

Após quatro décadas da epidemia de aids, o estigma se perpetua

Embora muitos ativismos se organizaram politicamente em redes de apoio e aliança, assim como de reivindicação na esfera jurídica por direitos (Quinalha, 2022), parece se formar um cenário já conhecido de estigmatização em 2022 com a circulação da mpox, que rememora problemas sociais enfrentados desde os anos 1980 na emergência da aids. A partir do quadro teórico-conceitual apresentado, nesta seção, evidencia-se como processos simbólicos e representações sociais se estabelecem em relações de poder complexas e

entremeadas por zonas morais, conservadoras e de risco que vão dos discursos sanitários e médicos, passando pelo jornalismo e transbordando para o social.

Atrelado a um imaginário de devassidão e promiscuidade, o noticiário tratou das questões públicas de saúde sobre a aids com marginalização das vítimas, de tal maneira que abreviaram significados acerca da doença pelo contágio, incurabilidade e fatalidade (Parker; Daniel, 2018). “Divulgado pela imprensa como uma ‘peste gay’ ou um ‘câncer gay’, devido ao fato de os primeiros casos terem sido diagnosticados em homossexuais e haver mais incidência no início justamente entre essa comunidade, o HIV/AIDS foi um vetor de repatologização das sexualidades dissidentes” (Quinalha, 2022, p. 113). De forma considerada ambígua, as abordagens jornalísticas ora se valeram do sensacionalismo, ora foram determinantes para visibilizar a urgência das questões públicas da aids. Contudo, a luta por reconhecimento requer demandar cumprimentos éticos e sérios que não levam para ações de violência e subalternização (Carvalho; Azevêdo, 2019).

Percebe-se, assim, o “dispositivo da aids” em ação nas interações e nos processos simbólicos. Isto é, significa um aparato heterogêneo que engendra discursos e práticas que agem nos corpos, como estabelece a origem foucaultiana do conceito. “O dispositivo raramente proíbe ou nega, antes controla e produz verdades moldando subjetividades. No caso da aids, são subjetividades marcadas pela culpa e pela impureza, sintetizadas nos seus desejos tomados como ameaçadores da ordem social” (Pelúcio; Miskolci, 2009, p. 130). Nos anos 1980, a aids adquire contornos alarmistas em tons de punição e castigo, o que lhe dá o estatuto epidêmico, em discursos midiáticos, políticos, sanitários e jornalísticos. Estes operaram pela linguagem um arsenal discursivo de catástrofe imbuído por termos cujas designações se voltaram para o estigma. Por exemplo, Barbosa Júnior e Souza (2020) concluíram em um estudo de caso que os sentidos das matérias do jornal *Estado de S. Paulo*, no começo da epidemia, são parte do trauma gerado sobre a doença e, mais diretamente, aos preconceitos que as pessoas que vivem com HIV sofreram e sofrem. A gravidade dessas ações alarga preconceitos e violências sobre os corpos como abjetos.

Nesse sentido, a abjeção opera com a definição de identidades consideradas contaminantes e, por isso, devem ser excluídas e expurgadas da sociedade. O “aidético” foi uma dessas identidades que representaram socialmente as atribuições simbólicas pejorativas atreladas à ameaça (Miskolci, 2020). Essa esteira de reforços de ojeriza, que vão se dando em diferentes esferas sociais, entre as quais destacamos a jornalística, evidencia como a identidade é criada na linguagem em contextos culturais e sociais de nomeação (Silva, 2000). Armado no controle patológico de corpos em uma matriz cisheteronormativa, o dispositivo da aids perpetuou-se por matérias jornalísticas e se tonificou com consequências inestimáveis, prevalecendo em ascensão no imaginário social. Hoje, o alerta dos perigos desse dispositivo se atualiza ao passo que ganha outros contornos, mais sutis em algumas abordagens ou mais incisivos em outras, contribuindo para propagar a LGBTfobia (Carvalho; Azevêdo, 2019).

Na mesma ótica, o perigo do estigma acende alertas pela gravidade do que já causou e por estar tomando rumos, em certa medida, semelhantes nas pautas da mpox. Em 1º de junho de 2022, a agência de notícias britânica Reuters publicou um texto com detalhes sobre a prevalência de casos entre HSH e a identificação de elos na contaminação em bares, saunas e aplicativos de relacionamentos no surto endêmico no Reino Unido. Em seguida, a matéria se desdobra nas incertezas da doença e nos estigmas que esses dados podem trazer

(Grover, 2022). A mesma matéria foi replicada pelo *G1* de forma sucinta, como já mencionado (Reuters, 2022), sem se delongar em explicações sobre os números apresentados, limitando-se aos dados e às localidades de possíveis focos de transmissão. A continuidade dada pela agência de notícias com a mobilização da fala do diretor regional de saúde de Londres, Kevin Fenton, sobre a mpox poder atingir todas as pessoas, embora tenha essa característica populacional inicial, foi suprimida pelo *G1*.

Dois dias depois, o *G1* replicou a *BBC* (2022) com a matéria “Varíola dos macacos: surto entre homens intriga britânicos”, em que enfatiza registros e dúvidas da comunidade científica no momento de emergência da doença. Nesse texto, o principal destaque dá a ver a curiosidade/desconfiança da comunidade médica entre a prevalência inicial dos casos, com realce em um primeiro momento para dados numéricos, grupo atingido e medidas adotadas pelas organizações de saúde. Para ilustrar, os trechos sobressaem informações consideradas pela *BBC* como necessárias para os leitores: “Embora qualquer pessoa possa contrair o vírus, 111 dos 183 casos na Inglaterra são em homens gays, bissexuais ou que fazem sexo com homens (HSH)” e “Grupos e eventos LGBT estão sendo instados a ajudar a compartilhar mensagens de saúde pública” (BBC, 2022, on-line). A segunda parte da matéria abre com o intertítulo ‘Risco de estigma’ e se desdobra com falas de Kevin Fenton sobre o cenário incerto da mpox circunscrito por desinformações e estigmas. Contudo, o *G1* coloca em destaque no layout, com fonte maior, a aspa de Fenton: “Estamos lembrando a todos os sintomas da varíola dos macacos, e especialmente os homens gays e bissexuais em particular, que estejam especialmente atentos e procurem aconselhamento médico imediatamente se tiverem preocupações” (BBC, 2022, on-line). Em seguida, finaliza o texto com duas fontes — microbiologista e diretor de emergências da OMS — para levantar hipóteses da transmissão da zoonose e a necessidade da testagem. Por mais que haja uma seção situando o problema do estigma, a matéria tem a contradição da própria fala de Fenton posta em realce como reforço para um cenário de preconceitos. Frisar a comunidade específica de forma “particular”, como afirmado, é caminhar no sentido oposto da informação e apontar hipóteses incertas que contribuem para reiterar violências a sujeitos marginalizados pela heteronorma. A problemática da transmissão deve ser um dever institucional das organizações de modo a alertar todas as pessoas sobre sintomas, causas e tratamentos, e não delimitar a um grupo como foco usando por base a sexualidade.

Ainda em 3 de junho de 2022, o portal R7 publicou uma matéria na mesma linha de abordagem sobre o enigma da mpox. Intitulada “Varíola do macaco: saiba o que ainda é um mistério para a ciência”, entre o conjunto de seis perguntas e respostas que formam o texto, a questão “a varíola do macaco é transmitida por relação sexual?” aborda o predomínio entre HSH como dado, mas segue com a explicação mais rigorosa da virologista Giliane Trindade sobre esse “link epidemiológico” (Canteras, 2022, on-line). Praticamente um mês depois, em 1º de julho de 2022, a matéria “Varíola dos macacos infecta mais homens que fazem sexo com homens? Entenda” saiu na *Folha de S. Paulo* cuja pauta, em tom explicativo, abre com a descrição dos casos já diagnosticados na África com prevalência em homens que praticam caça. O jornalista destaca dados da UKHSA sobre o Reino Unido, assim como o *G1* fez (Reuters, 2022), juntamente a um estudo pré-print que corrobora para a informação⁴. O texto tem o mesmo fio narrativo que culmina no alerta do estigma informado pela agência Unaiids (Fernandes, 2022). Essa lógica está na matéria da *CNN* “Entenda por que a varíola dos macacos tem afetado principalmente homossexuais e bissexuais”, na qual Rocha (2022)

desdobra uma longa matéria para explicar, a partir de fontes da área da saúde, essa interconexão entre transmissões e traz possíveis explicações como as redes interconectadas nesse grupo, assim como por serem pacientes que se testam com mais frequência e procuram mais atendimentos médicos, mas frisa que o que se sabe sobre a mpox ainda é primário e tem possibilidades de acometer qualquer um.

Nessa toada de casos, o diretor geral da OMS, Tedros Adhanom⁵, em conferência com a imprensa, em 27 de julho de 2022, disse que o atual surto de mpox requer, especialmente, que HSH tenham ações preventivas para minar o avanço da doença. Sua fala é problemática, pois limita e restringe um grupo como risco ou mais suscetível à doença, impondo complicações de ordem simbólica, já que representações e identidades de HSH são (re)significadas com base em um estatuto patológico, e de ordem física e subjetiva, ao afetar diretamente as representações de si e tornar tais sujeito mais potencialmente vulneráveis na sociedade. Adhanom disse: “para homens que fazem sexo com homens, isso inclui, no momento, reduzir o número de parceiros sexuais, reconsiderar o sexo com novos parceiros e trocar detalhes de contato com novos parceiros para permitir o acompanhamento, se necessário” (Monkeypox, 2022, 1min02s-1min19s, tradução nossa⁶). Novamente, cabe salientar que a transmissão da mpox, até os conhecimentos do momento, é ligada ao contato com pessoas sintomáticas a partir das feridas, sobretudo. Assim, a fala tenta traçar uma simetria entre relações sexuais e doença, embora existam outras maneiras de se ter contato pele com pele para além do sexo. E, ainda, demarca HSH como perigo, semelhante ao que as memórias da epidemia de HIV/aids deixaram no imaginário social com representações violentas. O discurso de Adhanom segue para amenizar a primeira colocação, mas, de toda forma, acentua a LGBTfobia.

Embora 98% dos casos até agora estejam entre homens que fazem sexo com homens, qualquer pessoa exposta pode pegar monkeypox, razão pela qual a OMS recomenda que os países tomem medidas para reduzir o risco de transmissão a outros grupos vulneráveis, incluindo crianças, mulheres grávidas e aqueles que são imunossuprimidos (Monkeypox, 2022, 1min20s-1min45s, tradução nossa⁷).

O estigma tem potencial de se espalhar desde a abordagem jornalística para outros âmbitos sociais. Já foi relatado um caso de preconceito de um médico com paciente que buscou atendimento na UPA central de Santo André, em São Paulo. O descaso no atendimento juntamente ao preconceito para se referir à sorologia e ao HIV, assim como a homofobia evidente na fala médica, evidencia como é necessário cuidado na abordagem da doença, os riscos que preconceitos e falsas simetrias podem causar, além de inibir a busca por auxílio médico-hospitalar quando identificar sintomas. Em 6 de agosto de 2022, o *Estadão Conteúdo* (2022) produziu um texto com diferentes fontes que enfrentaram a mpox. Um dos entrevistados contou que compartilhou o processo de recuperação e outros homens lhe procuraram nas redes sociais para relatar os medos de estarem com a doença e procurar ajuda médica. A repatologização é um fenômeno que se mostra crescente e impregnado pela ação estigmatizante do dispositivo da aids. O risco da doença não se restringe aos sintomas, mas, sim, à atribuição de doente para grupos que receberam demarcações simbólicas e significados para lhes representarem de forma insultuosa e atrelada à alçada de libertinagem.

Considerações finais

Neste trabalho, nota-se como através da linguagem um conjunto de representações sociais e marcas identitárias são constituídas nas relações de poder. Neste cenário, violências instituem problemas de ordem social de difícil combate, visto que, muitas vezes, reforços se dão, além da ordem física, pela linguagem para fazer operar ações normativas e morais. Na emergência do HIV/aids no mundo, o jornalismo foi uma das organizações cujas narrativas cotidianas frisaram patologias para homens gays e outros grupos em condições potenciais de vulnerabilidade. Atribuindo a sexualidade como perversão e castigo pelo desvio, representações foram cunhadas para marcar indivíduos como problema contaminante das ordens sociais. A abjeção imperou e não foi só no jornalismo. Para combater, ativismos organizados politicamente serviram de base para acolher pessoas em situações precárias pela falta de apoio médico e violentadas na sociedade.

Como resultado da abjeção, o estigma do HIV/aids se armou pelo dispositivo que visava controlar tudo que desviasse das normas cisheterocentradas e pedagogizar corpos que estavam à margem do sistema, postos como dignos de um suposto castigo divino ou natural. Esse cenário parece se assemelhar com um quadro noticioso que ressoa o problema tênu entre reportar uma questão de saúde pública, a qual necessita de políticas de atenção e culpabilizar grupos sociais, estigmatizando-os e atrelando-os à ideia de risco. A mpox, em 2022, tem muitas questões latentes ligadas à emergência, mas parece que a culpa da doença recai sobre homens gays, bissexuais ou que fazem sexo com homens, principalmente pelos dados trazidos em evidência por órgãos de saúde legitimados pelo Estado. O perigo desses números sem contexto ou explicações plausíveis soma cristalizações e ameaças para quem já sofre historicamente com violências trazidas pelo dispositivo da sexualidade. Valer-se de números que mostram uma situação inicial para circunscrever toda a patologia é uma falsa simetria e um desastre.

Os indícios levantados apontam para a questão da transmissão como elemento central da narrativa e, em alguns pontos, frisada a homossexualidade como atrelada aos casos. Se temos como constatação a construção histórica, política e cultural da sexualidade na sociedade, não há justificativas em bases naturalistas ou ontológicas que consigam delimitar significados sobre indivíduos ou tentar encaixá-los em um falso binarismo de normalidade e anormalidade, de saudável e patológico. Falas oficiais como de Tedros Adhanom tentam, primeiro, atrelar o maior contingente da doença à homossexualidade e, logo após, apaziguar a demarcação com a generalidade da transmissão entre pessoas independentemente da sexualidade. O problema está instalado desde o momento que usa do espaço institucional e do cargo que ocupa para proferir essa falsa equivalência. Por ser o diretor do maior órgão de saúde do mundo, sua fala é amplamente divulgada, compartilhada, justificada para reprodução jornalística e serve como parâmetro oficial para governos. Categorizar indivíduos com bases em tais argumentos criam pólos opostos, em que o par normal-anormal opera na conformação das relações e representações sociais. Logo, os 17 segundos que profere têm capacidade de causar danos inestimáveis, tal como a abordagem sobre pessoas que vivem com HIV ou que enfrentaram a aids nos anos 1980 sofreram por conta da sexualidade em razão da divulgação jornalística da época.

Entre indícios que se tornam constituintes dos processos de estigmatização, temos em vista problemas que já instauram violências. A fala homofóbica e debochada do ex-presidente Jair Bolsonaro durante entrevista a um podcast⁸, em 8 de agosto de 2022, ilustra

amplamente o que apresentamos. Da mesma forma, a mentira proferida pelo vereador de Sorocaba Vinicius Aith comparando a doença como uma “nova aids” e enquadrando a mpox como “DST”⁹. São processos violentos que se alastram por meandros de abjeção, memórias de preconceito e reforços institucionais.

Para encerrar, vale o adendo de que da aids à mpox não houve uma linearidade que evoque superação dos processos estigmatizantes ou cura das feridas da LGBTfobia. Entre tantas complexidades que os processos simbólicos estão imbuídos nas relações de poder, o que se nota é o entramamento de violências, ressignificações de representações abjetificadas e lutas por reconhecimento amplamente ativas por diferentes movimentos LGBTQIA+. Ao passo que nenhuma marcação identitária consegue totalizar significados, por outro lado, contribui para reforçar estigmas e cristalizar preconceitos.

É válido ressaltar que há um limiar perigoso no jornalismo entre informar/desinformar, alertar para o estigma e reforçá-lo. Parece que, hoje, ciente da violência que a aids foi tratada publicamente, o jornalismo se preocupa, de certo modo, em alertar para os riscos de demarcar públicos como alvos da doença, trazendo fonte das áreas médicas e microbiológicas para ratificar o que se sabe e quais são os problemas insuflados nessas questões, mas, de forma análoga, há contradições no discurso que podem simplificar e reforçar preconceitos. A linha tênue apresentada na reportagem da mpox com o passado da aids exige compromissos éticos, cuidadosos e empáticos não só na prática jornalística, mas nas esferas públicas da vida cotidiana. Em um momento em que plataformas se expandem de tal forma que o fluxo de informações e desinformações impera um atordoamento nos sujeitos, como também exige atenção e checagem da veracidade do que é compartilhado, o risco do estigma se intensifica e acende o alerta para todas e todos terem prudência e senso crítico.

Recebido em: 21 jan. 2023

Aceito em: 15 mar. 2023

1. Ambas nomenclaturas — variola dos macacos e monkeypox — foram adotadas para qualificar a doença, porém incorretas sob o ponto de vista científico por evocar significados racistas, estigmatizadores e discriminatórios (BUTANTAN, 2022). Para evitar associações inadequadas entre agente etiológico e o avanço da doença, como também pelos universos simbólicos de preconceitos que lhe constituem, doravante, neste artigo, adota-se a nomenclatura mpox após o processo de rebatizamento da doença pela OMS

2. Segundo Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), até 25 de julho de 2022, foram contabilizados 18.095 casos em 75 países. No Brasil, 592. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/poxvirus/monkeypox/response/2022/world-map.html>>. Acesso em: 26 jul. 2022

3. A terminologia DST foi substituída por IST, infecção sexualmente transmissível, conforme determinação do Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais, do Ministério da Saúde seguindo a vigência da OMS. A mudança teve o propósito de situar que nem todas as infecções têm sinais e sintomas perceptíveis no corpo como muitas doenças

4. Estudos pré-print são publicações prévias sem avaliação dos pares, o que requer cuidado com a mobilização a fim de evitar o afã de constatações equivocadas. Atualmente, essas publicações oferecem celeridade ao processo editorial, porém, reitera-se a necessidade de atualizações e verificações do conteúdo
5. Pronunciamento da conferência “Monkeypox outbreak” disponível no canal da OMS em: <<https://youtu.be/GujwQoVljOI>>. Acesso em: 26 ago. 2022
6. No original: “For men who have sex with men, this includes, for the moment, reducing your number of sexual partners, reconsidering sex with new partners and exchanging contact details with any new partners to enable follow-up if needed”
7. No original: “Although 98% of cases so far are among men who have sex with men, anyone exposed can get monkeypox, which is why WHO recommends that countries take action to reduce the risk of transmission to other vulnerable groups, including children, pregnant women and those who are immunosuppressed”
8. Quando o apresentador diz que tomaria a vacina da mpox, Bolsonaro debocha: “Tu não me engana. Eu tenho certeza de que você quer tomar”, em uma insinuação espúria e homofóbica entre doença e homossexualidade. Essa fala segue na mesma direção de escárnios proferidos por Bolsonaro ao longo de sua carreira política. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EToS1HBw64Q>>. Acesso em: 18 ago. 2022
9. Declaradamente bolsonarista, o parlamentar compartilhou tais mentiras para inviabilizar a realização da Parada LGBTQIA+ em Sorocaba. A matéria da *Folha de S. Paulo* aborda o caso. Disponível em: <<http://bit.ly/3CzDxCW>>. Acesso em: 18 ago. 2022

Referências

- ADHANOM, T. Monkeypox outbreak. **World Health Organization (WHO)** (YouTube), 29 jul. 2022, 2min52s. Disponível em: <<https://youtu.be/GujwQoVljOI>>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- BARBOSA JÚNIOR, J. B.; SOUZA, M. de. As primeiras notícias da Aids no Brasil no jornal O Estado de S. Paulo: uma análise. **Revista Dito Efeito**, v.11, n.19, p.71-92, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.3895/rde.v11n19.13110>>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- Butantan Informa: Virologista do Butantan esclarece dúvidas sobre varíola causada pelo monkeypox. **Canal Butantan** (YouTube), 2 jun. 2022, 18min7s. Disponível em: <<https://youtu.be/CNHQw3SPFuU>>. Acesso em: 23 jul. 2022.
- CANTERAS, C. Varíola do macaco: saiba o que ainda é um mistério para a ciência. **Portal R7**, Saúde, 3 jun. 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/3ItDjpD>>. Acesso em: 3 jun. 2022.
- CARVALHO, C. A.; AZEVÊDO, J. H. P. Do AZT à PrEP e à PEP: AIDS, HIV, movimento LGBTI e jornalismo. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v.13, n.2, 2019, p.246-60. Disponível em: <<https://doi.org/10.29397/reciis.v13i2.1698>>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- DANIEL, H.; PARKER, R. **AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. Rio de Janeiro: ABIA, 2018.
- ESTADÃO CONTEÚDO. Varíola dos macacos traz preconceito, medo e muda vida de gays e bissexuais. **Exame**, 6 ago. 2022. Brasil. Disponível em: <<https://bit.ly/3GtFCI4>>. Acesso em: 24 ago. 2022.
- FERNANDES, S. Varíola dos macacos infecta mais os homens que fazem sexo com outros homens? Entenda. **Folha de S. Paulo**, Equilíbrio e Saúde, 1 jul. 2022. Disponível em: <<http://bit.ly/3ICVnJn>>. Acesso em: 4 jul. 2022.
- FIGUEIREDO, P. Paciente gay com suspeita de varíola dos macacos relata preconceito: 'Você tem doença? Qual é a sua sorologia?', questionou médico. **G1**, 29 jul. 2022. Disponível em: <<http://glo.bo/3WTb9nr>>. Acesso em: 24 ago. 2022.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GROVER, N. Health agency confirms community spread of monkeypox in England. **Reuters**, Healthcare & Pharmaceuticals, 1 jun. 2022. Disponível em: <<https://reut.rs/3GOXJmX>>. Acesso em: 3 jun. 2022.

HONNETH, A. **A luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p.7-42.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

OKSALA, J. **Como ler Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PARKER, R. **Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política**. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Editora 34, 2000.

PELÚCIO, L.; MISKOLCI, R. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana**, n.1, p.125-57, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293322961007>>. Acesso em: 1 ago. 2022.

QUINALHA, R. **Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

REUTERS. Inglaterra confirma propagação comunitária da varíola dos macacos. **G1**, jun. 2022. Disponível em: <<http://glo.bo/3WYGyVQ>>. Acesso em: 3 jun. 2022.

ROCHA, L. Entenda por que a varíola dos macacos tem afetado principalmente homossexuais e bissexuais. **CNN Brasil**, Saúde, 26 jul. 2022. Disponível em: <<http://bit.ly/3ZiniUK>>. Acesso em: 24 ago. 2022.

PEREIRA JÚNIOR, A. 'Sensação que eu tinha sido atropelado', diz 1º paciente confirmado com varíola dos macacos no Brasil. **Fantástico**, 12 jun. 2022, 9min35s. Disponível em: <<http://bit.ly/3vNkYYj>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

Public health advice for gay, bisexual and other men who have sex with men on the recent outbreak of monkeypox. **Publicações da Organização Mundial da Saúde (OMS)** 2022a. Disponível em: <<https://bit.ly/3Ct4w2X>>. Acesso em: 19 jul. 2022.

Second meeting of the International Health Regulations (2005) (IHR) Emergency Committee regarding the multi-country outbreak of monkeypox. **Portal de notícias da Organização Mundial da Saúde (OMS)**, 23 jul. 2022b. Disponível em: <<http://bit.ly/3VYPOHY>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In.: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p.73-102.

Variola dos macacos: surto entre homens intriga médicos britânicos. **BBC Brasil**, 3 jun. 2022. Saúde. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-61681855>>. Acesso em: 4 jun. 2022.